

PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: TRANSMISSÃO CONTINGENTE DE UM IMPOSSÍVEL

Hevellyn Ciely

Tratar de psicanálise e universidade entre psicanalistas, de partida nos remete à já clássica orientação freudiana de que a psicanálise prescinde da universidade, numa clara crítica endereçada aos cânones acadêmicos e epistemológicos que lhe eram contemporâneos. Porém, desde este primeiro momento, mais do que criticar a estrutura formal e acúmulo teórico próprios à universidade, o que Freud (1919) acentua, ao marcar esta distância quanto ao ensino universitário, diz respeito ao próprio “material” sobre o qual se debruça o psicanalista: o inconsciente; em outros termos, porque a experiência do inconsciente não se ensina ou educa, a universidade não seria o lugar onde a formação em psicanálise se daria.

Esta perspectiva freudiana se conjuga à concepção elaborada em *O Mal-estar na civilização* (1930/1996), em que, ao tratar dos arranjos possíveis entre exigências pulsionais, de ordem erótica e mortífera, e as demandas civilizatórias, vê-se uma total incompatibilidade entre tais exigências, de modo que a esperança em uma educação emancipadora não pode ser pensada senão como ideal inalcançável, fruto também ele do mal-estar que a todo momento ameaça a civilização e os sujeitos. Logo, a concepção de um sujeito não reduzido a instintos porque pulsional, a qual surge como um conceito fundamental da psicanálise desde os primeiros escritos freudianos, também não está a favor dos objetivos próprios à educação.

Nestes termos, inconsciente e pulsão como pedras angulares da psicanálise mostram-se pouco afeitos ao ensino, de tal modo que falar de psicanálise e universidade é tratar de um tensionamento, cujo resultado não está colocado a priori, tampouco caminha para um fim pacífico. No entanto, quando falamos em tensionamento não estamos excluindo a relação entre dois pontos - em nosso caso, psicanálise e universidade -, o que pode funcionar como um campo possível de trabalho. No sentido de uma tensão não excludente é que, a meu ver, Freud situa o ensino e a universidade como lócus que não são próprios à psicanálise sem, contudo, ignorar tais lócus e a eles também se endereçar, o que encontrará em Lacan (1969-1970/1992) outros modos de lidar com os impasses daí decorrentes, quando o autor situa os diferentes modos de laço social produzidos pelo discurso universitário, discurso do mestre, discursos da histórica e discurso do analista.

Partindo desta perspectiva é que a inclusão da psicanálise como abordagem teórico-clínica se insere nas graduações desde que a psicologia é sancionada como ciência e profissão no Brasil em 1962 (SOARES, 2010) e, de acordo com o projeto político pedagógico de cada Universidade, apresenta o corpo conceitual e prático de um saber fundado na escuta do inconsciente. Logo, mesmo que suspendamos por um momento questões logísticas e políticas do ensino da psicanálise em universidades públicas e privadas, sua própria presença já parte de uma tensão, com a qual terá de lidar de diferentes maneiras, através dos limites e possibilidades que aí se coloca.

Dispostas estas questões iniciais, que formam o fundo sobre o qual a transmissão da psicanálise é situada de forma contingente na universidade, apresento brevemente a experiência que nos ajudará como operador/disparador: o ensino de disciplinas introdutórias, ainda sem a experiência prática em estágios e projetos de pesquisa e extensão. Como falar desde a psicanálise sem que se trate apenas de um acúmulo de conhecimento? Para além de um ensino, o que afinal se transmite?

O levantamento de tais interrogações carrega consigo a posição da psicanálise, no que se refere a sustentar um discurso em que, guiando-nos por Lacan (1969-1970/1992), o agente é objeto *a*, no que o analista assume então lugar de semblante do objeto causa do desejo; porém, vale lembrar que ao estar na posição de professor e não de analista, operamos com o saber de modo distinto. Notamos assim as dificuldades se acentuarem, pois, uma vez que o discurso universitário faz do saber o seu agente, os significantes que compõem a rede deste saber *S*₂ (seu acúmulo teórico, histórico, suas referências, heranças epistemológicas, etc.) funcionam como modo de tomar o outro de forma objetivada por ele.

Os diferentes agentes do discurso do analista e do discurso universitário, objeto *a* e *S*₂ e, conseqüentemente, as distintas maneiras de laço social que deles decorrem, situam a questão da transmissão da psicanálise quando esta se torna uma “matéria” ou “disciplina” curricular: participa da organização própria ao discurso universitário, mas parece sempre haver algo que resiste ao saber como agente do discurso. Ainda que consideremos que não apenas estes discursos atravessam a universidade - a qual pode produzir mestria, histericização e guiar-se por um discurso capitalista -, destacamos o discurso universitário e o discurso do analista por, ao meu ver, fundar a própria relação entre psicanálise e universidade, nos moldes em que hoje se dispõem.

Esta relação, em que autores como Lo Bianco (2006) e Darriba (2011) destacam a diferença na própria concepção de *saber* na psicanálise e na ciência, indicam questões

que nos levariam ainda mais longe no que diz respeito à transmissão e ensino. Tais questões, que não serão o foco do presente trabalho, mas que merecem ser pontuadas, também se apresentam quando nos inserimos na grade curricular da formação em psicologia, na medida em que o ensino universitário está em grande medida vinculado à noção de saber da ciência, ainda que não se confundam, ou seja, a matematização própria à ciência moderna está presente no ensino universitário, mas este não se resume à lógica matemática, pois organiza e recolhe os significantes que constroem aquilo que participará do saber, sejam eles calculáveis ou não. Isto parece justificar o interesse em incluir a psicanálise na formação universitária, fazendo dela parte de seu escopo teórico e prático.

Novamente as tensões entre psicanálise e universidade tornam-se evidentes, de modo que a inserção da psicanálise na academia se coloca a partir de um viés paradoxal, já que exige a transmissão de um saber que, guiando-nos por Lacan (1969-1970/1992), produz furo neste mesmo saber e, mais ainda, advém justamente daquilo que foi rejeitado pela ciência: o sujeito do inconsciente. No entanto, quando tratamos de paradoxo, aquilo que causa conflito pode ele próprio ser motor de alguma mudança; sem abolir o conflito, a subversão do sujeito da ciência operada pela psicanálise deve sua existência a própria ciência.

Deste modo, os limites colocados pela organização acadêmica podem ser uma porta de entrada para algo que lhe é paradoxal e, sem deixar de participar, em alguma medida, do acúmulo de saber pretendido pelo discurso universitário, apontar as fissuras próprias às pretensões deste discurso. Esta posição paradoxal nos convida diariamente a sustentar o difícil lugar de enunciação da psicanálise, acolhendo as conseqüências, também pessoais, de um discurso que situa o saber no lugar da verdade e, portanto, a verdade do inconsciente e seus tropeços é o que nos interessa.

Interessando-se pelos tropeços, enquanto formações do inconsciente que desde Freud marcam a própria diferença da psicanálise em relação a outras searas como a medicina, o pensamento e a racionalidade são tomados de forma diferenciada, pois não são tidos como a sede que domina e conceitua o sujeito, porém, este não deixa de produzir saberes fora do domínio racional. Estamos, portanto, novamente às voltas com o inconsciente e seu saber, nas palavras de Lacan (1968-1969/2008):

Nesse processo de conciliação do pensamento consigo mesmo, somos levados a uma prudência maior, nem que seja, primeiro, pelo desafio que acabo de desenhar como sendo o formulado pela verdade ao real. Uma regra de pensamento que tem que se assegurar do não-pensamento como aquilo que pode ser sua causa: é com isso que nos confrontamos ao usar a ideia de inconsciente. (p. 13)

Trata-se, portanto, de uma causa inconsciente, de um não pensamento, que assim só pode produzir saberes fora de uma lógica acumulativa, sinalizando um ponto de impossibilidade de tudo se transmitir. Há algo de impossível quando lidamos com o sujeito do inconsciente, eis o que desde Freud (1937/2017) está colocado do lado da psicanálise e da educação e, segundo Safatle (2006), no ensino de Lacan irá tomar maiores proporções ao se referir ao real em tudo que faz falhar no interior do universo simbólico, a saber, a relação sexual, a posição feminina e o corpo para além da dimensão especular.

Novamente, a falha – agora referida aos fracassos dos contornos simbólicos e imaginários – está diretamente associada ao sujeito do inconsciente e impõe limites, ao mesmo tempo em que é causa o saber. Neste duplo lugar é que o trabalho a partir da psicanálise na universidade faz do impossível um campo potente e, para retornar àquilo que provocou este trabalho, o ensino de disciplinas de psicanálise em semestres iniciais do curso de psicologia, cito o seguinte exemplo: ao notar a dificuldade de grande parte da turma em acompanhar os textos de Freud, interrompo o andamento planejado para a disciplina e apresento alguns pontos da obra de Freud que precederam o texto ali trabalhado e, além disso, mostro a construção de certos operadores clínico-conceituais, como a interpretação e a transferência, no próprio traslado freudiano; para minha surpresa, além de uma mudança na dinâmica das aulas seguintes, alguns alunos me relataram a produção de sonhos angustiantes, em que associaram questões pessoais a conteúdos ali ministrados.

Sem adentrar em questões singulares destes sujeitos, já que estava na posição de professora, tampouco ignorar a mobilização produzida, acredito que este exemplo mostra como a tentativa de “consertar” uma falha, lançando mão de instrumentos didáticos, produziu diferentes efeitos, justamente porque o saber com o qual lidamos não se esgota em uma organização consciente da pedagogia e seus artifícios. Além disso, o lugar de enunciação do qual parto também está implicado na tentativa de ensino e transmissão da psicanálise na universidade, incluindo-me assim no relato que aqui exponho.

Entre o impossível de ensinar e a produção de algum saber, há um recorte contingente deste impossível, que não o torna plenamente contornável, como pretende o discurso universitário, mas que faz do impossível um motor para criações de saberes que contenham em si o não esgotamento. Neste sentido é que o trabalho aqui dedicado a este tema também faz parte de um corte contingente, já que transmite algo da experiência sempre singular do sujeito com o saber.

REFERÊNCIAS

DARRIBA, V. A. *O Lugar do saber na psicanálise e na universidade e seus efeitos na experiência do estágio nas clínicas escola*. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XIV n. 2 jul/dez 2011, p. 293-306.

FREUD, S. (1937). A Análise Finita e a Infinita. In: *Fundamentos da Clínica psicanalítica*./ Sigmud Freud; tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. (1930). O Mal-Estar na Civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.67-148.

_____. (1919[1918]) . Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.215-220.

LACAN, J. (1968-1969). *O Seminário livro 16: de um outro ao Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. (1968-1969). *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LO BIANCO, A. C. (Org.). *Freud não explica: a psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

SAFATLE, V. *A Paixão do Negativo [livro eletrônico]: Lacan e a Dialética*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SOARES, A. R. *A Psicologia no Brasil*. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2010, 30 (núm. esp.), 8-41.